

— Alves Redol escreveu na portada do seu primeiro livro que *Gaibéus* «não pretendia ficar na literatura como obra de arte» mas sim como «documentário humano». Interessava-lhe pois, ao que parece, a verdade, uma verdade capaz de iluminar as consciências adormecidas, não a arte; uma verdade que ultrapassasse o conhecimento puro, uma verdade que pudesse transmitir-se aos homens. Vinte e tal anos passados que pensa dessa posição?

— Escrever um romance, tentar fazer um romance, é sempre penetrar nos domínios da arte literária, mesmo que, por absurdo, algum escritor o não queira, mesmo que ele tente esquecer tudo o que faz parte do património comum dos romancistas. O que pode suceder em certo momento, quando alguns insistem em traçar limites para a literatura, entendendo que lhe está vedado exprimir, por exemplo, os dramas quotidianos de um povo, é que outros reajam contra essa limitação, trazendo ao primeiro plano, exactamente, as alienações sociais de que é vítima o homem comum. Foi o que sucedeu aí por 1938/39 com o neo-realismo que quis ser mudança de perspectiva na literatura, e, portanto, uma nova experiência para o seu enriquecimento. Como, porém, esses outros escritores se vangloriavam da sua posição extrema de arte pela arte, desfigurando-a, portanto, a reacção fez-se também por outro excesso, fenómeno natural no jogo das contradições, principalmente quando vem de jovens que se supõem, e ainda bem, capazes de renovar o mundo, o homem e a arte. O neo-realismo foi assim um sadio combate de juventude. E daí uma certa aparência de desprezo por tudo o que fosse uma literatura sem raízes sociais, embora alguns dos seus poetas herdassem exactamente do «presencismo» a seiva formal para a sua poesia, enquanto outros se aconchegavam a Garcia Llorca ou Alberti, a Machado ou a Eluard. O excesso, porém, é sempre a ganga fatal, e benéfica também, do primeiro impulso de uma oposição. Mesmo em arte, o iniciar dos movimentos polémicos nunca se faz por compromissos. *Gaibéus* propôs-se ser um testemunho vivo dessa antítese. Trazia com ele todas as virtudes e todos os defeitos de um embrião. É livro típico de uma atitude, é mais uma voz na velha querela da função da arte. Uma voz apaixonada, como é salutar quando se rompe combate. O que a portada desse primeiro livro não exprime, contudo, é uma tomada de posição contra a literatura, mas antes a confissão plena de que o autor não se sentia capaz de criar, então, uma autêntica obra de arte literária. Os outros que a classificassem. Ao autor importava, *antes de tudo*, que o seu livro fosse testemunho do que considerava, e ainda considera, um dos aspectos da realidade mais profunda da vida portuguesa.

— Que pretendeu dizer quando, a propósito de *Gaibéus*, se lhe referiu como contendo as virtudes e os defeitos dum embrião...?

— Embrião de uma estética e de uma atitude, pois o neo-realismo, no desenvolvimento dialéctico da sua perspectiva, nunca será a expressão do real imediato, como o naturalismo e o populismo, mas expressão do essencial, tomando a realidade nas contradições mais vivas ou típicas do drama português, ao mesmo tempo que se vincula às possibilidades reais de ultrapassá-lo na

## diálogo com

# ALVES REDOL



dinâmica das próprias contradições. Por mim entendo que a uma literatura de desacordos insolúveis há que opor uma outra, capaz de compreender o homem na complexidade das alienações e das superações. Esse era e é ainda, em minha opinião, o principal objectivo do neo-realismo, movimento sempre atento às transformações do mundo e do homem, às interações que entre ambos se estabelecem, como também aos fenómenos secundários e às mediações que constituem a teia do comportamento humano na vida social e na vida individualizada, sem as fragmentar, porque tal atitude implica uma amputação na sua enorme riqueza. Isto pressupõe uma evolução permanente, sem matrizes estabelecidas. Mas isto também não quer dizer que não haja escritores incapazes de escolher da realidade os temas e as personagens mais significativos, ou que outros ainda não estejam longe de encontrar para os seus temas a verdadeira correspondência formal, aquela profunda unidade interior que distinguirá a obra de arte perdurável daquela que se alimenta de aparências, sempre mais fáceis de conquistar, se como conquista a poderemos definir. O facto de me exprimir assim, não quer dizer que esteja a ver o argueiro no olho dalgum vizinho, tentando esconder os que, porventura, haja na minha obra. *Porto Manso*, por exemplo, que vou tentar refundir, é um romance característico do que se não deve fazer em literatura.

— Não me atrevo a dizer que aceito inteiramente essa opinião. Mas já agora, sempre direi que não consegui avançar para além das primeiras cinquenta páginas do livro...

— Esse seu impulso foi justificado. Naquele livro só o tema, ao que julgo, consegue flutuar no naufrágio de personagens, de situações, de aparentes experiências formais. O que ficou dele, porém, quando tudo o mais resultou falhado? Ao neo-realismo não pode atribuir-se a indigência desse romance, como de outros que parecem ter lá raízes e só se lhe aparentam, indevidamente, por algumas intenções. O diabo é que a literatura não se faz só com intenções, mesmo prezáveis, o que já foi dito com a maior propriedade.

— Serei sincero. Também não gostei de *Anúncio*, a obra anterior. Cortei relações com os seus livros e só as reatei com *Olhos de água*. Por que me terá desiludido o *Anúncio*? A culpa seria minha ou sua?

— Penso que *Anúncio*, embora não seja um livro inteiramente conseguido, se avanta bastante a *Porto Manso*. É ainda hoje a minha opinião. Será uma obra de que não extraí tudo o que o tema suscita e propõe. Talvez um livro imaturo. É isso mesmo: esses dois romances, que apareceram a seguir um ao outro, enfermaram das condições precárias em que os escrevi. Vivendo da pena, mas asoberbado por muitos problemas que me indispunham para a literatura, forcei-lhes a realização e daí as debilidades desses livros. A literatura não se compadece, e ainda bem, das limitações aceites pelos escritores.

— Como começou a escrever? Na sua adolescência A. R. foi um literato, um desses jovens cujas preocupações dominantes, ou temas de conversa, se circunscrevem apenas às belas letras?

— Comecei a escrever aos 12 anos num dos jornais manuscritos do Colégio onde

vivi em regime de internato durante 4 anos. Estive em riscos de ser expulso por causa de um dos números publicados. Aos 14 inicie a colaboração no semanário da minha terra. Também alinhei versos, que ofereci a meu pai num dia de aniversário, tinha eu 13 anos. Juntei-os num livro com manuscrito; nem a caligrafia o recomendava. Desde então, nunca mais deixei de publicar em jornais e revistas, lendo sempre, apaixonadamente, tudo o que me caía nas mãos. Lembro-me que o Forjaz de Sampaio me tornou ácido durante um tempo e que o inconformismo aparente de António Ferro me buliu também. Falei propositalmente de dois escritores que não perduraram em mim. O primeiro deu outro livro manuscrito em que falava de mulheres. Tinha, então, 15 anos e mal lhes tocara; talvez por isso as tratasse mal. Comovi-me com o Camilo, delicieei-me com o Eça por causa dos burgueses. Em Vila Franca havia nesse tempo um grupo de rapazes estudantes, conhecido na terra por «mocidade esperançosa». Só um saiu doutor. Éramos anti-burgueses por influência de Eça e Antero, do «Orfeu» e da «Presença», e escapávamos, durante as férias, tudo o que nos parecesse conformista. Do grupo fazia parte um tipógrafo, incendiado de palavras, que falava difícil, talvez por influência dos artigos de fundo do diário onde trabalhava. Era, pelo menos, o que lhe dizíamos com grande indignação sua. Acabou conformista de todo, mas naquele tempo era a voz das revoluções. O Antero Ferreira, com quem tinha uma amizade fraternal, dava-me os livros da sua biblioteca. Era o artista do grupo. Desenhava e escrevia primorosamente para a nossa idade. Foi com ele que distingui Torga e Casais entre os colaboradores da «Presença». Exulte com Almada Negreiros e amei José Tagarro; sentíamos todos uma aversão sadia por Dantas e Carlos Reis. Pascoaes e Aquilino assustaram-me com a sua força e António Patricio acalmou-me. Ouvi-o como a um violino, nessa orquestra surpreendente de poetas e escritores a que me devotei. Muitos encheram-me os lazes e as horas de estudo. Estrangeiros e nacionais, sei lá quantos! Recordo o encontro com a prosa incendiada e barroca de Fialho, achando nela um ponto de fusão semelhante ao da minha sensibilidade exaltada. Depois a vida deu-me outra volta maior com as primeiras consequências do craque americano. Em 1928 fui obrigado a partir para África. Aos dezasseis anos. Vivi em Luanda durante 3 anos e aí comi, algumas vezes, o tal pão que o Diabo amassou. As condições concretas por mim experimentadas puseram-me, surpreendido, perante um verdadeiro microscópio. Até então nunca espreitara a vida por lentes tão poderosas e lúcidas, embora soubesse, na minha vivência com avós e tios, ferreiros, ferradores e camponeses, os amargos de boca que a pobreza dá. Convivia muito com gaibéus e carmelos que vinham avariá-lo à loja de meu pai, onde fui marçano. O balcão, porém, não me deixaria compreendê-los com adesão. Faltava-me provar a vida assalariada. Em África também, aí pelos meus 18 anos, descobri minha debaixo duma cama — um caixote com livros. Agarrei o resto da minha chave do mundo. Quando regresssei de Luanda, vinha mais para a morte do que para a vida. Regressava na mesma classe em que partira — a terceira. Fui sempre até aí passageiro de terceira. Continuei a colaborar no jornal da minha terra e arranjei promoção no semanário *Notícias Ilustrado*, onde me encontrei com

Faure da Rosa. As minhas novelas passaram a ter anúncio especial num grande diário. Fui professor num sindicato operário, como em Luanda o fora numa escola nocturna, onde ensinei taquigrafia, e na qual todos os professores eram desempregados como eu. Ensinei pouco no sindicato, mas aprendi muito. Aprendia onde me era possível, já que não conhecera as universidades nem sequer os liceus. Continuava a ler afanosamente, acrescentando à minha ânsia de saber o que então me parecia mais adequado. Em certa altura, aí por 1936, escrevi uma novela de ambiente africano para o semanário *O Diabo*. Rodrigues Lapa mandou-me um postal para que eu aparecesse; esse encontro foi um dos factos mais relevantes de toda a minha vida. Criei ali a secção «De sol a sol», onde se publicaram as minhas crónicas e contos ribatejanos. Iniciou-se verdadeiramente a minha vida de escritor. Foi aí, mais tarde, estava eu a escrever o meu primeiro livro, *Gloria*, que um desconhecido, depois de ler a minha colaboração naquele semanário, me incitou a dedicar-me ao romance. Fiquei desconfiado, barafustei, mas a pedra não me caiu do sapato. E certa noite, depois de voltar de Lisboa naquele combóio ronco e sujo que me deixava em Vila Franca, comecei a trabalhar numa novela, *Cio*, que nunca cheguei a publicar, cujo personagem principal era o Pananão, um camponês ribatejano. Sem conta nem medida, arripiado com os frios da emoção, escrevi quanto pude. Quando achei que as páginas já faziam vulto na secretária, ao fim de algumas semanas de trabalho, dei-me à contagem de letras e espaços, o que não foi fácil com a minha caligrafia miúda, a lápis; multipliquei-os pelo número de linhas e debrucei-me sobre *O Crime do Padre Amaro* para a mesma operação. Lembro-me perfeitamente do maravilhoso transtorno que senti — escrevera 72 páginas de livro. Na noite seguinte começava o meu primeiro romance, admitindo pela primeira vez que o homem poderia ter alguma razão.

**— Recordo-me de ler num jornal que há muito deixou de existir que noutra época A. R. não teria escrito romances, que os escrevia apenas por ser um homem de acção. Quem proferiu estas palavras pretendia combater os seus livros. Mas, para além dessa intenção, A. R. atribuiu-lhes algum significado?**

— O que é o homem, na realidade, senão isso mesmo também? O que o trouxe das cavernas para o mundo surpreendente em que hoje vivemos? Escrever para os outros é também uma maneira de agir. Mas agir igualmente sobre o mundo que nos domina, defrontá-lo e tentá-lo tornar diferente pela acção política não será por igual uma forma superior do homem superar as suas contradições e as do mundo? Eu penso que sim, embora não pretenda vir a ser um político. O que não deixo de reconhecer é que todos nós, em certos momentos, temos obrigação, como homens e como artistas, de participar na procura de melhores caminhos para a política, uma vez que não nos consideremos seres passivos, dispostos a suportar o que outros, nem sempre mais dotados, entendem que deveremos aceitar. Nunca passei a qualquer homem procuração para tanto. De resto, não gosto de passar procurações: dão quase sempre asneira.

Quanto à afirmação de que noutra época diferente da nossa eu não seria romancista, tomo-a, em primeiro lugar, como uma crítica pertinente à época que não me deixaria revelar tal qual sou. Logo a seguir,

porém, devo acrescentar que seria romancista em qualquer sociedade onde vivesse. Não se escrevem, por simples desvio, os livros que já publiquei. Seria, porém, um escritor diferente noutra sociedade ou noutra tempo. Tenho disso a certeza.

**— Como acordou em si a vocação de escritor? E mais ainda: a sua vocação nasceu desamparada ou desabrochou num meio propício, foi estimulada, resultou dum movimento colectivo?**

— A minha vocação nasceu como já disse. Mas desenvolveu-se e afirmou-se no convívio com outros jovens escritores, em publicações onde colaborámos. Devemos muito uns aos outros, tanto no simples estímulo como na crítica, mesmo impiedosa, tão sadia na juventude. Guardo desse tempo inesquecíveis recordações, tanto mais que sei termos levado a cabo um dos mais vivos surtos da literatura portuguesa, o que começa a ser reconhecido até pelos nossos adversários. O encontro de jovens de origens tão diversas para a mesma obra colectiva foi surpreendente.

**— A. R. é, provavelmente, de todos os modernos romancistas portugueses, o mais lido. Decerto já meditou neste facto. Sem falsas modéstias, pode dizer-nos o que pensa desse êxito?**

— Penso que tal facto só foi possível, na medida em que consegui corresponder à necessidade de um público vasto que já esperava os meus romances. Fui, com certeza, uma das vozes dos seus anseios.

**— Tanto quanto pôde averiguar, parece-lhe que o público tem compreendido as suas intenções?**

— Quase sempre. Considero, porém, que não foi inteiramente justo com os meus romances do Ciclo Port-Wine. Voltarei a trabalhá-los logo que puder; deve haver neles também, certamente, qualquer falha da minha parte. Ou será o equívoco só meu? A pergunta fica em aberto.

**— E quanto à crítica?**

— O entusiasmo quase unânime do acolhimento a *Gaibéus* podia-me ter sido fatal. Felizmente que no meu carácter sempre houve humildade para joeirar o elogio descabido e orgulho para me avantajá-lo à crítica malévola. Estou em diálogo permanente com a dúvida. Alguns amigos mais íntimos souberam criticar-me desapassionadamente e isso foi também decisivo na minha busca constante de progresso no trabalho. Já o disse uma vez: devo mais às críticas negativas, mesmo com certas más intenções, do que às meramente elogiativas. As primeiras propõem dúvidas que obrigam a meditar e a corrigir, no que possam coincidir com as minhas, algumas vezes só presentidas. Por isso nunca respondi até hoje a qualquer crítica, mesmo aleivosas. Sempre entendi, e entendo, que um livro deve ter força para responder às objecções que lhe fazem. Não serão nunca capazes de o justificar e engrandecer quaisquer achegas à margem. Livro publicado é entidade responsável. Ou se basta e sobrevive, ou não tem argumentos e morre. O confronto com a crítica é sempre fecundo. Embora se deva exigir à crítica toda a responsabilidade que a sua verdadeira função comporta. Por meu lado tudo fiz até hoje para que tal suceda. Em 22 anos de trabalho nunca pedi uma notícia ou uma crítica, nunca namorei a imprensa, nunca redigi

duas linhas a meu respeito, nunca agradeci, sequer, uma referência. Sou, nesse aspecto, um escritor sem compromissos

— **Ao contrário de *A barca dos sete lemes* que parece espontaneamente escrito sobre a experiência do Autor, *Uma fenda na muralha* revela uma busca deliberada, como se A. R. escolhesse o tema e só depois fosse à procura dos incidentes que ajudassem a desenvolver esse tema. Poderá desenvolver esse tema. Poderá descrever-nos qual, no seu caso, o mecanismo inicial da criação romanesca? Nas vezes em que deliberadamente vai recolher materiais que campo livre deixa à imaginação?**

— A verdade é muito complicada. Nem *A barca dos sete lemes* é um livro só vivido, nem *Uma fenda na muralha*, que talvez se devesse chamar *Rabiosa*. Como primeiro pensei, um romance só de busca deliberada. Em todos os meus livros há sempre busca e há sempre experiência. Tenho uma visão do mundo, como é natural num homem que também é escritor. Conheço, por outro lado, o nosso país e muitos dos seus problemas essenciais; convivo com outros homens tanto quanto posso, fazendo assim uma experiência activa. Quero dizer com isto que não espero exclusivamente que a vida me entregue os seus frutos, confinando-me às recordações e aos acontecimentos quotidianos do cidadão que hoje sou. Penso que, se o consentisse, seria fatalmente um homem mais limitado. Aproximo-me, então, do que me interessa, assistindo a mais acontecimentos, conhecendo mais gente. Deparam-se-me assim muitos problemas humanos. E como gosto de viver, meto-me nos meios que se me revelam mais expressivos ou pródigos, compartilhando dia a dia da vida dos que a vivem. Ao princípio tudo é confuso, já o sei. Mas depois, sem pressas, penetro lentamente no cerne dessas vidas, surpreendendo-lhes os contornos exteriores e os psicológicos, escolhendo sempre, de modo a evitar os alcapões do naturalismo superficial. Muitas vezes, é claro, ao fim de certo tempo, abandono essa convivência por me parecer pouco viva ou significativa. Noutras, deixo-me ficar longos meses, quedando-me ali, não passivamente, mas procurando tudo aquilo em que o homem se pode revelar e definir. Nunca levo o tema. Seria absurdo. Espero que surjam vários no próprio meio em que me procuro enraizar, persigo-os, tento senti-los quanto me é possível, nada evito para os aprofundar, e aguardo que se me imponham, que surja em mim uma necessidade premente, quase angustiante, em os revelar. Com essas raízes da realidade a imaginação ganha as suas.

No caso particular de *Uma fenda na muralha* tudo aconteceu de imprevisto. Conheço a Nazaré há mais de vinte anos. Ali fui algumas vezes, bastantes, até que se me impôs viver mais de perto a vida dos seus pescadores, por razões que não vêm agora para o caso, mas que já relatei numa entrevista dada ao boletim da Liga dos Amigos da Nazaré. Instalei-me para ficar, apontando diariamente tudo o que via ou pressentia. Activamente. Surgiam-me interrogações e procurava as respostas na própria realidade. Nestas encadeavam-se outras, como é natural. Vivi um ano inteiro mais na Nazaré do que em Lisboa. Fui ao mar, passei longas horas nas tabernas, na lota, nos soalheiros, no paredão, sempre em contacto com a gente nazarena. Possuía já centenas de páginas de apontamentos, fizera muitos amigos, e nada sabia

ainda do que iria escrever. Conhecia bastante da psicologia do homem do mar e ainda não se me impusera um tema. Um dia, porém, vendeu-se uma traineira na Nazaré. Eram mais umas dezenas de homens sem ganho certo. O acontecimento deu lugar a disputas, avivou a terra. Conhecia todos os pescadores da companhia, pois já fora seu companheiro nas fainas da pesca da sardinha. O romance parecia estar ali. Então, durante mais uns meses, defini contornos, preenchi vazios, experimentei o processo mais adequado de contar a história. Finalmente, comecei a escrever. De todas as fainas da pesca havia uma, contudo, que ainda não acompanhara: a do alto mar. Poderia parecer que isso não me faria falta, uma vez que já iniciara o romance dos pescadores numa traineira. Mas eu sabia, por convicção e também por experiência, que tudo é necessário a um romance. E parti, certa noite, no bote do arrais José Formiga Peixe. Foi um dia memorável na Nazaré. A morte acompanhou-nos durante treze horas. Um apocalipse. Quando cheguei a terra já trazia no sangue o romance que se me impôs, submergindo o outro do qual já escrevera mais de um terço. O que os nazarenos pensam do meu livro, diz-me que fiz bem o meu trabalho. Julgo, de resto, que dois terços desse romance representam o que de melhor até hoje escrevi.

— **Num dos seus livros mais notáveis — *Olhos de Água* — A. R. presta homenagem a Garrett «que abriu caminho ao nosso romance». A que outros escritores poderia Redol prestar homenagem por deles se sentir devedor?**

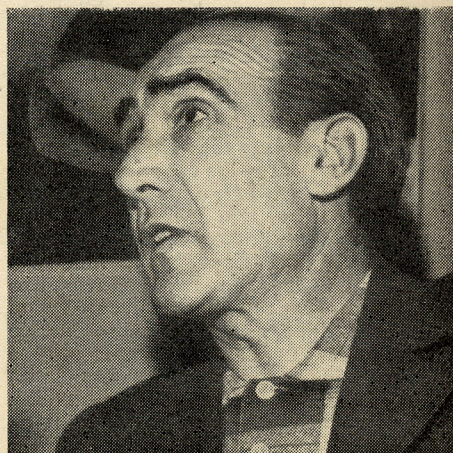
— A muitos. É quase impossível recordá-los a todos, tantos são. Alguns, certamente, de que não terei agora plena consciência. Mas posso destacar alguns, além doutros de que já sublinhei as vantagens da companhia. Fialho, por exemplo, foi decisivo na minha fase inicial. Os críticos nunca o pressentiram. Fui marcado também por Michael Gold e Gorki, Amado, Lins e Graciliano. Torga e Ferreira de Castro também me segredaram alguma coisa, assim como Zola do *Germinal* ou até a lírica popular. E o que mais? Amassada com todos eles a minha experiência e a minha sensibilidade, dando desconxavos, muitas vezes, e também certas coisas mais apuradas. Tem sido uma luta permanente que só acabará quando me parecer que não posso progredir, sempre com o propósito de me avantajear às debilidades de quem começou com ferramenta quase elementar. Mas nada até hoje me tornou mais feliz do que esta busca ansiosa, e tantas vezes dramática, de me realizar como homem e como escritor. Devagar, mas todos os dias, como Goethe recomendou. Confrontando-me quotidianamente com o mundo, sabendo que, apesar de tudo, nada foi inútil. Sem recolher por muito tempo à toca da solidão ou nunca me deixando embalar em águas paradas. Prefiro os naufrágios. Talvez por isso admire os jovens nas suas insubmissões.

— **Em *Cavalo Espantado* a sua maneira de encarar o mundo continua a mesma, mas não é o mesmo o meio sobre o qual se debruça. Para um escritor com trinta livros publicados tal decisão foi certamente uma aventura. Meteu-se nessa aventura com a vontade ou sentiu apreensões?**

— Toda a obra de arte tem o sabor de uma aventura. Uma aventura responsável

e, como tal, meditada longamente, como quem prepara uma viagem ao desconhecido, enchendo-a com toda a paixão e lucidez de que o homem é capaz, quando pretende atingir algo que lhe importa conquistar, não de um só golpe, mas pouco a pouco, como venho tentando fazê-lo há mais de vinte anos. Vencido o drama sempre renovado em cada romance, o das dúvidas e das interrogações, comecei esta jornada com o gosto de esquecer muita experiência estética que já me pertencia, embora a levasse comigo, procurando surpreender certos homens e o seu contexto social por um ângulo novo, não para negar a minha visão do mundo, que julgo exacta, e também consequente à minha condição de escritor interessado pelos problemas do nosso tempo, mas para a enriquecer e aprofundar, escolhendo certo momento ímpar da vida de um casal da alta burguesia, atônito e sem plena consciência da nova condição de vítima numa força apocalíptica que se gerara no seio do grupo social a que pertencia, e até a que, por ironia, dera estímulo. Atingira-se o paroxismo das contradições. Interessou-me, pois, descobrir uma outra face da nossa sociedade, talvez porque no todo, como disse Brecht, é que está o drama. Foi sentindo também plenamente o prazer da descoberta que me dei à realização final deste romance, cuja laboração vinha de há anos, a qual nunca pudera levar ao fim por tardar a unidade adequada entre a forma e o conteúdo desse drama individual e, ao mesmo tempo, colectivo, tão vivo ainda nos homens de hoje. Importava-me penetrar na total realidade humana, nas suas evidências objectivas e subjectivas, definindo o que nela há de luz e de sombra, de subjacente e de social concretizado. Acto de perfeita consciência de quem sabe que o neo-realismo é uma corrente viva que tende a herdar continuamente o mais significativo e válido de todas as correntes estéticas, depurando-as e recriando-as, de maneira a ser a síntese constante e dialéctica deste mundo sempre feito de mudanças.

*O cavalo espantado* é ainda um livro de aprendizagem, para quem entende que a vida é sempre algo de inesperado e de maravilhoso, susceptível de se aprender até à morte de um homem, e susceptível de servir, também na experiência deste, aos homens que abrem os olhos para o mundo no momento em que o escritor fecha os seus, deixando-os em testamento aos outros, para que esses vejam melhor os vários horizontes da complexa realidade humana. É este o programa da minha vida de escritor.



Fotografias de Eduardo Gajeiro